



1  
CONFIDÊNCIA  
DE MÃE

Dei-te um berço de rendas e de flores,  
Adorei-te por nume excelso e amigo  
E inclinei-te, meu filho, a ser comigo  
Soberano de sonhos tentadores.

Ordenava, no orgulho que maldigo:  
6 — “Não te curves nem sirvas, onde fores...”  
Entreguei-te mentiras por louvores  
E enganosa fortuna por abrigo.

(\*) Poetisa, contista, romancista, iniciou sua vida literária, quase menina, conforme afirma sua filha Lola de Oliveira em *Minha Mãe!*, escrevendo em inúmeros periódicos sul-riograndenses. Foi também teatróloga e aplaudida conferencista. Professora pela Escola Normal de Porto Alegre, com distinção em todas as matérias, a poetisa de *Folhas Mortas* lecionou em cursos particulares, em várias cidades gaúchas, depois de nove anos dedicados ao magistério público. Fundou um jornal

Hoje, de alma surpresa, torno a casa;  
Tremo ao ver-te no luxo que te arrasa,  
Como quem dorme em trágico veneno!

E choro, filho meu, choro vencida,  
Por guardar-te entre os grandes toda a vida,  
Sem jamais ensinar-te a ser pequeno.

2  
SOLUÇÃO MATERNAL

Perdoa-me a loucura, pobre filha,  
16 Entreguei-te ao salão, inerte criança,  
E ao dizer-te: — “repousa, folga e dança”,  
Envolvi-te em meu logro, de partilha...

Contemplo-te a bailar... O palco brilha...  
Ês volúpia, beleza, intemperança...  
Escuto em prece o aplauso que te alcança  
E lamento a vitória que te humilha...

Ah! minha triste pérola perdida,  
Novamente daria sonho e vida  
Para furtar-te ao fogo em que te abrasas!

literário feminino, *O Escrínio*, mais tarde transformado em revista ilustrada, e formou, segundo Antônio Carlos Machado, entre as maiores feministas brasileiras de sua época. De 1920 até à sua desencarnação, residiu na capital paulista. (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 12 de Junho de 1878 — S. Paulo, 19 de Junho de 1935.)

BIBLIOGRAFIA: *Folhas Mortas*; *Preludiando*, contos; *Cruz de Pérolas*, contos; etc.

6. onde. Cf. nota nº 72, pág. 141.  
16. Ler com sinérese: *criança*.

Mas tudo agora é a mágoa que me entrega  
À imensa dor de ver-te rica e cega,  
Mariposa queimando as próprias asas!...

2-A  
BRANDURA

Asserena-te e vara a desventura  
No caminho de dor, áspero e azedo;  
Serenidade — o lúcido segredo  
Em que a vida se eleva e transfigura.

Tudo cresce na força da brandura.  
A água desgasta os punhos do rochedo;  
Olha a chuva cantando no arvoredor,  
A transfundir-se em pão, bondosa e pura.

De coração batido e lodo à face,  
Inda que o fel da injúria te traspasse,  
Semeia o bem que as mágoas alivia...

Mesmo trazendo o peito por cratera,  
Suporta, ampara e crê, ajuda e espera,  
Que amanhã será sempre novo dia.



FRANCISCA CLOTILDE Barbosa Lima \*



1  
CONTO DO NATAL

A noite é quase gelada.  
Contudo, Mariazinha  
E' a menina de outras noites  
Que treme, tosse e caminha...

Guizos longe, guizos perto...  
E' Natal de paz e amor.  
Há muitas vozes cantando:  
— "Louvado seja o Senhor!"

(\*) Poetisa, contista e romancista, exerceu o magistério até os últimos dias de sua existência terrena, tendo sido a primeira mulher a lecionar na primeira Escola Normal do Estado do Ceará (Cf. *Jangada*, revista da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, 1º trimestre de 1953, conferência de Maria Stella Barbosa de Araújo sobre Francisca Clotilde). Foi figura importante do «Clube Literário» do Ceará, em cujo órgão *A Quinzena* publicou vários sonetos «repassados de lirismo e cheios de beleza». Colaborou, ainda, em diversos periódicos cearenses, e fundou a